

LETRAMENTO, CULTURA E RITUAL: DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO RELIGIOSO.

LETTERING, CULTURE AND RITUAL: PEDAGOGICAL CHALLENGES FOR RELIGIOUS EDUCATION.

Alessandro Vasques Boer, ¹
Heleontino Ubiraci Caceres Leite, ²
Eleida T. Leite Caceres, ³

RESUMO:

O Ensino Religioso, de caráter obrigatório na educação básica brasileira, tem em seus docentes a carência de formação adequada para o desenvolvimento de um trabalho eficiente. O objetivo deste estudo foi analisar a relação Interferência do letramento religioso frente às diferentes culturas religiosas de Ensino Religioso frente a essa realidade. Tendo como suporte a literatura, com base nos trabalhos de vários autores sobre o tema em debate, Bakhtin (2012; 2016), Leite (2013), Street (2014), Jung e Semechechem (2015), entre outros. Por meio de uma pesquisa descritiva, qualitativa com enfoque avaliativo, partindo de um levantamento bibliográfico e tendo como metodologia o estudo de caso, investigou a prática docente dos professores de Ensino Religioso em dez escolas da rede pública do município de Bagé/RS e numa amostra composta por 19 professores, por meio da aplicação de um instrumento de pesquisa aos sujeitos da pesquisa, na forma de entrevista semiestruturada, com seis questões fechadas e abertas, a forma de desenvolvimento do trabalho nesta disciplina. Constatou que a maioria dos professores não tem formação para docência na disciplina, não estão preparados, trabalham nas manifestações religiosas da mesma forma com alunos de diversidade religiosa, mas diferenciam o trabalho na sala de aula para atender a todos. Verificou ainda que a maioria das aulas segue o pensamento religioso corrente, isto é, com base no Cristianismo, não contemplando as diversas culturas religiosas ora presentes na escola.

Palavras-chaves: Ensino Religioso; Diversidade religiosa; Islamismo.

- 1 Especialista em Docência no Ensino Religioso pela UERGS-RS. E-mail: biraleite_1@hotmail.com
- 2 Especialista em Docência no Ensino Religioso pela UERGS-RS. E-mail: boeralessandro21@gmail.com
- 3 Graduada em Farmácia pela Urcamp- Bagé. E-mail: leh.caceres@hotmail.com

ABSTRACT:

The Religious Education, which is compulsory in Brazilian basic education, has in its teachers the lack of adequate training for the development of efficient work. The objective of this study was to analyze the relation Interference of the religious literacy in front of the different religious cultures of Religious Teaching in front of this reality. Based on the works of several authors on the topic under discussion, Bakhtin (2012, 2016), Leite (2013), Street (2014), Jung and Semechechem (2015), among others. Through a descriptive, qualitative research with an evaluative focus, starting from a bibliographical survey and having as a methodology the case study, investigated the teaching practice of the Teachers of Religious Teaching in ten schools of the public network of the municipality of Bagé / RS and in a sample composed of 19 teachers, through the application of a research instrument to the subjects of the research, in the form of semi-structured interview, with six closed and open questions, the way of developing the work in this discipline. He found that most teachers have no training for teaching in the discipline, are not prepared, work in religious manifestations in the same way with students of religious diversity, but differentiate work in the classroom to meet everyone. He also verified that most of the classes follow the current religious thought, that is, based on Christianity, not contemplating the diverse religious cultures now present in the school.

Keywords: Religious Education; Religious diversity; Islam.

INTRODUÇÃO

O ser humano é comunicativo e, por assim ser, depende dos signos para interagir. Os signos escritos e falados constituem a linguagem e que se transmite de geração a geração. Em geral, a escola é responsável pelo letramento, que se constitui na transmissão dos passos que conduzem os indivíduos a aprender a se comunicar de uma forma convencional, isto é, o letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever, uma das formas de comunicação humana, caracterizando-se como uma prática social.

O letramento tem se constituído num desafio histórico para a sociedade brasileira e, por isso, tema central de muitos estudos da área de educação, sob variados ângulos, e possui duas dimensões básicas: a individual e a social; individualmente, refere-se à capacidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Socialmente, conforme Silva (2012), “o letramento é entendido como uma ferramenta de valores social e cultural, onde dissociar a habilidade de leitura da escrita, de seus usos e finalidades se torna algo contraditório”.

Portanto, o letramento é parte da cultura educacional e, por isso, insere-se no contexto escolar, interferindo em todas as suas fases, ciclos, níveis e disciplinas. O Ensino Religioso, como parte deste contexto, enquadra-se no letramento e as culturas religiosas têm influenciado bastante o aprendizado, interferindo na forma como a

criança aprende e o que aprende, através da cultura que, se utilizando dos ensinamentos doutrinários, perpassa a cultura dos povos, os costumes, disciplina as ações e principalmente ajuda na alfabetização com a criação de centros de educação.

Conforme Street (apud BROCARD, 2015) existem diferentes práticas de letramento possíveis e complementares, cuja apresentação se dá como aspectos culturais, representando estruturas de poder na sociedade. Nesse sentido, é preciso entender que os aspectos sociais e culturais, na qual se insere a religiosidade são importantes, também, na aquisição do letramento e diferencial cada indivíduo ou cada cultura de acordo com os preceitos religiosos pelo qual foi alfabetizado.

A cultura tem influência muito forte no letramento e muitas vezes determina a forma como este se processa. As culturas, em diferentes pontos e do mundo e em diferentes estágios de evolução da humanidade, diferenciam-se da cultura ocidental, o que influenciou, especialmente no que diz respeito ao aculturação religioso, na formação do indivíduo e no seu letramento.

O que se pretende com este estudo é responder à seguinte questão: “Como acontece a relação interferência do letramento religioso frente às diferentes culturas religiosas?”

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a relação interferência do letramento religioso frente às diferentes culturas religiosas.

Para se atingir esse objetivo, buscou-se: Verificar em que medida o professor consegue despertar o interesse dos alunos no ensino religioso. Investigar quais técnicas os professores se utilizam para o desenvolvimento em suas aulas de Ensino Religioso. Constatar como o professor trabalha com as diferentes religiões em sala de aula. Identificar como os professores abordam as comemorações religiosas cristãs com alunos de outras religiões.

Com base em leituras de diversos autores que estudam a relação da cultura com os rituais religiosos, verifica-se que em muitas religiões os ritos estão estreitamente ligados à formação social e educativa dos indivíduos. Assim, pode-se entender que a religião está em relação direta com a formação educativa das crianças/indivíduos, sendo, em muitas culturas, a base desta.

2 LETRAMENTO

2.1 Concepções sobre letramento

Muitas são as correntes que analisam o letramento a partir dos anos iniciais do aluno. Dentre essas, as principais são as correntes seguidas por Street (2014). Leite (2012, p. 12), ao se referir à escrita como parte do letramento, afirma que está “é um método que registra a memória cultural de um povo; registra fatos sobre a política, arte, religião e a sociedade, a escrita. Perpassa anos, séculos e milênios, traz instrumentos para reflexão, expressão e transmissão de informações entre outras necessidades sociais”.

No entendimento de Kleimam (2010), o objetivo básico do letramento é proceder uma reflexão de ensino e da aprendizagem considerando os aspectos sociais da língua escrita. Assim, quando se adota o letramento no espaço escolar, conjuga-se o processo de alfabetização com o processo social da escrita, “em detrimento a uma concepção tradicional que considere a aprendizagem de leitura e produção textual, a um percurso de habilidades e aprendizagens individuais” (p. 47).

Quem defende o contexto e a análise social do letramento é Street (2010), quando chama a atenção para os aspectos sociais do letramento, em contraposição opondo-se à concepção instrumental e funcional dos usos da escrita. Para o autor, os antigos letramentos estão tendo uma nova ressignificação, a partir de uma abordagem sócio histórica, pelo que preconiza a importância do contexto social no desenvolvimento de programas de letramento.

Sobrinho (2015, p. 224), ao se referir a Street, menciona que na visão do autor, as concepções de nacionalismo, nação e identidade nacional também podem ser evocadas no debate sobre ensino de práticas letradas”, e complementando, afirma que “segundo Street, na contemporaneidade a maior parte dos povos tem contato direto e/ou indireto com a escrita, sendo difícil encontrar comunidades estritamente orais” (p. 225).

Outro pensador, Mikhail Bakhtin e o conjunto de seguidores de suas ideias, como Voloshinov, Medvedev, entre outros, que ficaram conhecidos como o “Círculo de Bakhtin”, destacaram a importância do uso da linguagem como fator determinante

nas relações sociais, por ser direcionada a um interlocutor específico. Para Bakhtin (2012, p. 117), “ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém”.

Para Bakhtin (2016, p. 283), “a diversidade dos gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.” Dessa forma, no entendimento do autor, constata-se nas trocas verbais, um contínuo processo de responsividade, onde circulam intencionalidades, discursos perpassados pelos mais diversos estilos e diferentes ideologias.

Nesse sentido, cabe destacar que num contexto em que a religiosidade faz parte de maneira muito significativa da cultura popular, como no caso do islamismo, que de acordo com Pinto (2010), é visto pelos seus aderentes como um modo de vida que inclui instruções que se relacionam com todos os aspectos da atividade humana, seja ela política, sociais, financeiras, legais, militares, familiares ou interpessoais.

2.2 Letramento religioso

É fácil verificar, conforme comenta Leite (2013), que em todas as matrizes religiosas existem escolas que orientam os fiéis para sua doutrina, “escolarizando” os mesmos dentro de uma perspectiva religiosa e de acordo com seus princípios.

Ainda em sequência ao pensamento acima proposto por Leite (2013), é inegável, portanto, o papel da igreja na educação popular e no seu letramento (entendido como a apreensão, através da linguagem escrita e falada, da cultura popular e das relações sociais). Conforme a autora, em meio a muitos movimentos revolucionários e guerras, a igreja sempre preconizou a educação do povo, possibilitando-lhe meios diversos para o ensino e aprendizagem dos necessitados, “possibilitando o acesso à cultura letrada e escrita, através de ensino em orfanatos, hospitais e na própria igreja, através de classes que ensinavam a leitura da Bíblia e também cânticos que contam as histórias bíblicas para crianças e adultos” (p. 22).

Por outro lado, essa mesma relação também é comentada por Huberman (2010), que remonta aos primórdios do feudalismo, quando a igreja era uma instituição

dinâmica e progressista, tendo conservado resquícios significativos da cultura do Império Romano. Com relação ao letramento, o autor menciona o fato de que a igreja sempre incentivou o ensino e fundou escolas.

No que se relaciona à humanidade, o autor fala da ajuda aos pobres, do cuidado com as crianças desamparadas que eram mantidas pela instituição em seus orfanatos, além da construção hospitais para os doentes, das Santas Casas são ainda seu maior legado. “Em geral, os senhores eclesiásticos (da igreja) administravam melhor suas propriedades e aproveitavam muito mais suas terras que a nobreza leiga (HUBERMAN, 2010, p. 11).

Olson (2007) aponta que a igreja, por meio das diversas revoluções, destacou-se na tarefa educativa, ao fornecer diversos meios para o ensino e aprendizagem dos necessitados, possibilitando o acesso à cultura letrada e escrita. Assim, a educação popular realizava-se através do “ensino em orfanatos, hospitais e na própria igreja, através de classes que ensinavam a leitura da Bíblia e também cânticos que contam as histórias bíblicas para crianças e adultos” (p. 22)

A análise das obras de Olson (2007) e Huberman (2010) levou Leite (2013) a confirmar o fato de que a igreja sempre teve papel importante na aprendizagem, seja no desenvolvimento de cânticos litúrgicos ou de estudos bíblicos ou na forma de ajuda às pessoas necessitadas, possibilitando-lhes o acesso à escrita e leitura. “Antes mesmo da reforma da igreja católica existem relatos de fiéis que faziam a leitura da bíblia para os que não sabiam ler” (p. 22).

Jung e Semechechem (2015, p. 22), analisando os folhetins paroquiais de uma igreja católica em um município paranaense, concluíram que o letramento em eventos sincronizados no tempo “atinge metas sociais de manutenção da identidade comunitária tanto em nível local, sincronizando as atividades da comunidade paroquial, como no nível global, através da disseminação do letramento pela voz institucional da igreja”.

A observação dos autores foi de que os indivíduos no contexto dessa prática não se envolvem nas discussões de conteúdo textual, isto é, não discutem o conteúdo escrito em si, mas com o ritual. Isto significa que “em situações multilíngues não

necessariamente as pessoas precisam dominar a língua na qual foi produzido o texto escrito” (JUNG e SEMECHECHEM, 2015, p. 22).

No Brasil não existem trabalhos que relacionem o letramento com a cultura de outras religiões, que não a católica, e o aprendizado, nem sobre o trabalho de Ensino Religioso com alunos de religiões não tradicionalmente aceitas no país. No entanto, buscou-se num trabalho de pesquisa de campo, encontrar argumentos e subsídios para fundamentar esse estudo.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa com enfoque avaliativo, partindo de um levantamento bibliográfico, tendo como suporte a literatura, com base nos trabalhos de vários autores sobre o tema em debate, Huberman (2010), Bakhtin (2012; 2016), Leite (2013), Street (2014), Santos (2014), entre outros. O trabalho bibliográfico serviu de suporte a um trabalho de pesquisa documental que foi realizado em dez escolas públicas de Ensino Fundamental do município de Bagé/RS.

Foi utilizado o método de estudo de caso, que segundo Yin (2010), é uma categoria, modalidade, ou um tipo de pesquisa qualitativa que se caracteriza pela profundidade de estudo de uma unidade, um indivíduo ou local específico. No estudo de caso qualitativo, onde nem as hipóteses nem os esquemas de inquirição estão aprioristicamente estabelecidos, a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda no assunto. Para Gil (2010), o estudo de caso é hoje considerado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são percebidos.

Os locais da pesquisa foram escolhidos de forma intencional, por possuírem alunos pertencentes ao credo religioso em estudo e a disciplina de Ensino Religioso. Foi solicitada autorização das direções para a realização do trabalho de pesquisa e este contou, também, com a anuência dos professores da disciplina, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A população-alvo do trabalho foram os professores de Ensino Religioso das escolas da rede pública do município de Bagé/RS e a amostra foi composta por 19 professores das dez escolas pesquisadas.

O trabalho de campo foi desenvolvido com base na aplicação de instrumento de pesquisa aos sujeitos da pesquisa, na forma de entrevista semiestruturada, com seis questões fechadas e abertas. A apresentação das respostas aos questionamentos do instrumento de pesquisa foi realizada por meio de gráficos do Windows Excel e a análise feita de forma descritiva, comparando resultados da pesquisa com a literatura.

4. Análise dos resultados e discussão

A primeira parte da pesquisa caracterizou a amostra, formada por 19 docentes da disciplina de ensino Religioso. Destes, 4 são do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Quanto à idade, esta varia de 26 a 50 anos e a maioria está na faixa etária de 31-40 anos. A média de idade dos participantes da pesquisa é de 38 anos. Quanto ao tempo de serviço, a maioria dos sujeitos da pesquisa tem até cinco anos de experiência, com apenas um deles com mais de 20 anos.

Questionados sobre o trabalho com Ensino Religioso no ano anterior, onze sujeitos da pesquisa (58%) não trabalharam e seis (32%) trabalharam todo o ano.

A primeira questão investigou se o professor da disciplina consegue despertar o interesse dos alunos às aulas.

Verifica-se pelos dados da pesquisa que a maioria dos sujeitos da pesquisa (73,7%) considera que a motivação se dá em parte. Isso pode ser explicado pelo preparo inadequado de grande parte dos docentes da disciplina de Ensino Religioso, que não possuem curso de formação acadêmica e, em geral, conforme afirma Leite (2013), são professores que preenchem a carga horária disponível neste conteúdo.

Além disso, Boeing (2009) argumenta que está enraizado na cultura brasileira o ensino religioso ministrado na forma de cultura religiosa cristã, muito voltada ao catolicismo, sendo que a diversidade cultural religiosa expandiu-se, dando lugar a vários credos e religiões, não cabendo mais essa prática na escola. Segundo os

sujeitos da pesquisa, “os professores temem o proselitismo religioso e acabam lecionando valores humanos e filosóficos”, ou “muitos não têm formação adequada”.

A segunda questão investigou técnicas e recursos que o sujeito da pesquisa se utiliza no desenvolvimento de suas aulas de Ensino Religioso.

O debate em grupos é o recurso mais utilizado, No entanto, a maioria dos sujeitos da pesquisa marcou as três primeiras alternativas, pois se utilizam de técnicas e recursos variados de acordo com o tema em debate e as situações de sala de aula, pois segundo os respondentes, “cada tema deve trazer consigo materiais visando despertar o interesse da turma”, ou “o professor deve utilizar o maior número de recursos possível, buscar sempre ser criativo e inovador para que suas aulas se tornem atrativas e interessantes”.

Almeida (2009) comenta que a diversificação de técnicas nas aulas de Ensino Religioso pode ser um atrativo para o aluno, especialmente se ele tiver oportunidade de participação ativa no tema em debate.

O uso da internet, por exemplo, é citado por Silva (2015), como uma das alternativas para motivar o aluno para os assuntos em debate no ensino religioso. Jung e Semechechem (2015) comentam que a motivação com palestrantes externos ao ambiente escolar, com temáticas diferenciadas, também é incentivo para o interesse dos alunos na disciplina. Como foi visto nos resultados desta pesquisa, são as três alternativas utilizadas pelos docentes nas suas práxis pedagógicas.

A terceira questão investigou se na visão dos docentes o professor de Ensino Religioso está devidamente habilitado e capacitado para a docência da disciplina. A maioria significativa dos sujeitos da pesquisa (89,5%) considera que os professores não estão preparados. Quem considera que sim, comenta que “atualmente está tendo mais formação específica nesta área para trabalhar”. Ou “Se pensarmos sobre a perspectiva de que o ensino da religião não se justifica apenas e exclusivamente em virtude da fé de determinados cidadãos, mas também em virtude da formação integral da personalidade [...]”.

Almeida (2009) considera que a formação de professores para a docência de Ensino Religioso, num país laico e onde a disciplina é obrigatória na educação básica, é muito precária e incipiente. Para Silva (2015), faltam cursos de formação e

especialização, pois são escassas as iniciativas neste sentido. Os sujeitos da pesquisa justificam seu argumento de que não há preparação neste campo, considerando que “os professores não se encontram plenamente habilitados devido ao menosprezo da docência no ensino religioso; por parte da maioria das gestões públicas escolares”. Ou ainda “porque essa disciplina quase sempre é ministrada por professores com carga horária sobrando que se quer tem domínio da disciplina. São poucos os professores habilitados que entendem e que queiram ministrar essas aulas”.

As explicações acima são congruentes com o posicionamento de Junqueira (2012), para quem a formação nesta disciplina deveria ser especializada, já que é um campo fértil de debates e de formação moral e social do indivíduo.

A quarta questão diz respeito à condição do Brasil, como país laico, e a forma como o professor trabalha seus alunos que são praticantes de outra religião.

Mais da metade dos docentes da disciplina trabalha da mesma forma com todos os alunos e isso pode ser consequência da falta de formação adequada para esse tipo de docência, tendo em vista que deveria ser considerada a diversidade religiosa e respeitados os valores diferenciados de cada credo. Sobrinho (2015) considera que o letramento na educação básica tem uma relação muito estreita com a religiosidade dos pais e que esta deverá ser respeitada.

Street (2010) considera que a etnografia está em relação direta com o letramento infantil e, se considerando as características religiosas, a criança criada na religião islâmica terá valores, formação e crenças diferentes das que se formaram em famílias cristãs. Moraes (2009), considera que o respeito à cultura religiosa de cada povo deve ser uma premissa da escola e, por isso, o Ensino Religioso deve ser diferenciado, de acordo com o público-alvo. Para Silva (2015), não se pode querer que a criança que foi educada num sistema religioso aceite pacientemente a educação pautada em outra doutrina. A quinta questão abordou a interferência da cultura religiosa no desenvolvimento de atividades de Ensino Religioso e na aprendizagem dos alunos.

Os dados da pesquisa dão conta de que a maioria dos sujeitos da pesquisa não considera haver interferência da cultura religiosa no desenvolvimento das aulas

de Ensino Religioso na sua escola. Consideram que o conteúdo é diferenciado e que “o conhecimento deverá ser universal a todos”.

Junqueira (2012) e Oliveira (2012), consideram que o planejamento escolar deve ser feito com base no que a escola traçou como filosofia de atuação e que no ensino Religioso, apesar de o país ser laico, isto é, respeitar todas as religiões, os conteúdos devem ser traçados de acordo com o que as bases curriculares nacionais apregoam. Neste sentido, conforme sujeitos da pesquisa, “o aluno deve se adaptar à escola e não a escola a um único aluno”. E também porque “as habilidades que devem ser desenvolvidas na disciplina são comuns a todas as religiões e também aos ateus; por esse motivo não deve haver diferenciação, mas preparo e conhecimento do docente da disciplina que ministra”.

A explicação acima vai de encontro do que afirmam Almeida (2009) e Sobrinho (2015), para quem o preparo do professor nas suas disciplinas é básico para o bom desenvolvimento pedagógico e em Ensino Religioso, esse preparo deve ser ainda maior justamente pela diversidade cultural religiosa representada nos alunos.

A última questão abordou as comemorações religiosas cristãs e o trabalho com alunos adeptos de outras religiões que não comemoram essas datas, tendo como perspectiva a interferência do letramento religioso na formação escolar da criança.

A maioria dos docentes diz trabalhar de maneira diferenciada com os alunos da cultura islâmica, entendendo que seu letramento tem forte influência religiosa e que as festas e comemorações cristãs são alheias a estas crianças. A explicação é que deve haver um respeito à diversidade: “Assim como serão tratados os Evangélicos e os Espíritas e demais alunos, respeitando os valores e dogmas de cada tradição”. Ou ainda: “Não vejo nenhum problema em trabalhar diferenciados, compreender os diferentes tipos de religiões ou crenças e culturas, acho muito importante as lendas e tradições para a construção do conhecimento do aluno”.

Para Zalamena (2017), a forma como a disciplina de Ensino Religioso é desenvolvida no Brasil foi abolida em países laicos. Portugal, com fortíssima tradição católica, cuja obrigatoriedade vigorou durante o regime de Antonio Salazar, aboliu esta disciplina nas escolas públicas. Para Zalamena (2017, sp), considerando que o estado brasileiro é laico, então “o Ensino Religioso deve ser de responsabilidade da família e

das instituições religiosas. Essas têm condições de oferecer Ensino Religioso para quem desejar, gratuitamente, numa carga horária muito maior do que apenas um período semanal”. Importante as colocações de um dos sujeitos da pesquisa, para quem “: A disciplina de Ensino Religioso não deve fazer prevalecer o ensino de uma religião em detrimento de outras, mas dar o conhecimento geral de todas, seu viés histórico, ético e doutrinário”.

Assim, independentemente de religião ou credo, a formação dada pela disciplina deve atingir a todos e cunhar-se na formação cidadã e responsável, respeitando as ideologias e a diversidade cultural e religiosa.

Finalmente, investigou-se a relação/interferência do letramento religioso com o desenvolvimento das aulas de ER escolar.

A maioria dos sujeitos da pesquisa acredita que não há interferência ou que esta é pouco significativa, tendo em vista que, nos casos pesquisados, a cultura religiosa e a religião propriamente dita são pouco trabalhadas, voltando-se este trabalho na disciplina à parte formativa do aluno.

Santi (2014), afirma que quando o professor de ER trabalha a questão formativa, distanciando-se dos debates religiosos, o interesse do aluno é maior e as possibilidades de aprendizagem neste campo ampliam-se. Kleimam (2010), afirma que o letramento religioso interfere na cultura religiosa e no aprendizado, sendo necessário, por isso, que o professor tenha cuidado no desenvolvimento de suas aulas de ER.

Muitas religiões ainda têm muito enraizado o acultramento religioso com o letramento, o que interfere de forma muito significativa no ambiente escolar. “A configuração das práticas de letramento nos eventos religiosos é regulada por convenções que constituem esses ritos, os quais requerem modos de participação específicos e práticas regulares em torno do texto escrito” (JUNG e SEMECHECHEM, 2009, p. 30). No entanto, ainda hoje, frente a esta cultura de letramento religioso, as aulas de ER são entendidas como uma prática religiosa, em que o cristianismo e, de maneira muito particular, a doutrina católica, é o expoente que condiciona esse processo. No entanto, ainda que haja uma interferência nesse sentido, as mudanças

ocorridas com o tempo fizeram mudanças fundamentais, que tornam as aulas de ER bem distantes do que ocorria há alguns anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este estudo, que buscou informações sobre a relação do letramento religioso e o acultramento escolar, identificou que em algumas culturas, a formação religiosa interfere ou é determinante no letramento infantil, verificando-se uma relação muito forte da formação religiosa com o desenvolvimento educacional, o que era comum há muitas décadas nos países de formação cristã, onde a Igreja se incumbia de formar educacionalmente crianças e jovens, ao mesmo tempo que doutrinava ao cristianismo. Nesse sentido, o trabalho do professor de ER frente à diversidade de culturas dentro do ambiente escolar tem se tornado difícil devido à falta de formação para essa realidade.

No trabalho de pesquisa de campo, as informações mostraram que os professores que atuam na disciplina de ensino Religioso nas escolas públicas de Bagé/RS têm pouca formação para a docência da disciplina, tendo que usar a criatividade e se valer de recursos e técnicas diferenciadas para tornar as aulas mais interessantes ao aluno. Nem sempre o professor consegue despertar o aluno para o conteúdo que está distante de sua realidade, principalmente se a cultura religiosa não é aquela trabalhada na sala de aula sendo, na maioria dos casos.

Assim, conclui-se que torna-se necessário a diversificação acadêmica e a formação especializada de professores para atuarem no Ensino Religioso, tendo em vista que é um campo fértil, de diversidade e culturalmente amplo, sendo necessário que o professor esteja preparado, com capacidade de atuar de forma a respeitar as diversas culturas religiosas hoje presentes na escola.

A escola, e por conseguinte os professores, nem sempre têm em mente a diversidade cultural religiosa e, por isso, na maioria das escolas investigadas o trabalho é desenvolvido de forma linear, abordando apenas os aspectos religiosos ligado ao Cristianismo, o que dificulta a participação de alunos de outras religiões, como o Islã.

Sendo assim, torna-se necessário voltar a formação do professor de ER para a diversidade religiosa, tendo em vista que o Brasil é considerado um país laico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. F. A leitura e a escrita como prática religiosa: um estudo de caso sobre crianças e adultos pertencentes à Igreja Metodista. São Paulo, PUC, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.

BOEING, A. Ensino Religioso enraizado nas ciências da religião. **Diálogo Revista do Ensino Religioso**. São Paulo, n. 55, p. 16-18, ago./set., 2009.

BOTELHO, A. C. S. **Alfabetização na perspectiva do letramento com uma criança com dificuldade de aprendizagem**. Brasília, UnB, 2017. Monografia (Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2017. Disponível em:

BROCARD R. O. diálogos entre o círculo de Bakhtin e os novos estudos do letramento. In: SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR DE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS. 5., Francisco Beltrão, mai., 2015. **Anais**. Francisco Beltrão, Universidade do Oeste do Pará, 2015, p. 472-84.

FISCHMANN, R. Ainda o ensino religioso em escolas públicas: subsídios para a elaboração de memória sobre o tema. **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 11-20, dez., 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1506/1355>>. Acesso em 24 jan., 2018.

HUBERMAM, L. **História da riqueza do homem: Do feudalismo ao século XXI**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

JUNG, N. M. SEMECHEM, J. Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues de multiculturais. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 17-37, jul./dez., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/12507>>. Acesso em 13 nov., 2017.

JUNQUEIRA, S. R. A. **O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KLEIMAM, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2010.

LEITE, J. F. **Letramento e religião: Influência de práticas religiosas no letramento**. Brasília, UnB, 2013. TCC (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2013. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5097/1/2013_JulianaFerreiraLeite.pdf>. Acesso em 13 nov., 2017.

MELO, T. T. M. **A alfabetização na perspectiva do letramento**: a experiência de uma prática pedagógica no 2º ano do ensino fundamental. Juiz de fora, UFJF, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

MORAIS, G. A. S. **Alfabetização na perspectiva do letramento**: um estudo etnográfico. Teresina, UFPI, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, 2009. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DissertacaoGeorgyanna.pdf>>. Acesso em 19 jan., 2018.

OLIVEIRA, A. C. Ensino Religioso na educação básica: desafios e perspectivas. Uruguaiana, PUC, 2011. TCC (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Pontifícia Universidade Católica, Uruguaiana, 2011. In: **Revista da Graduação**. Uruguaiana, v. 5, n. 1, p. 1-58, 2012.

PINTO, P. G. H. R. **Islã**: religião e civilização. Uma abordagem antropológica, Aparecida do Norte: Santuário, 2010.

SANTI, P. A. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. Ijuí, UNIJUÍ, 2014. Monografia (Curso de Pedagogia). Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, 2014. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br/>>. Acesso em 12 dez., 2017.

SILVA, D. T. A alfabetização na perspectiva do letramento. Brasil Escola. 2012. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/htm>>. Acesso em 10 jan., 2018.

SOBRINHO, V. V. L. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação: Resenha. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 18, n. 1, p. 219-228, jan./jun., 2015.

STREET, B. V. Ethnography of writing and reading. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Ed.). **Cambridge handbook of literacy**. 2 ed. Cambridge: CUP, 2010.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, 2016. p. 13-17.

ZALAMENA, J. C. M. Ensino religioso nas escolas públicas brasileiras: uma defesa de sua extinção. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, a. 20, n. 162, jul., 2017. Disponível em: <http://ambito-juridico.com.br/artigos_leitura&artigo_id=19164>. Acesso em 17 fev., 2018.